

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## As "BARRACAS" DOS PESCADORES DA LAGOA DE ÓBIDOS.

BATISTA, Alberto Vieira

Ano: 1986 | Número: 96

---

### Como citar este documento:

BATISTA, Alberto Vieira, As "Barracas" dos pescadores da Lagoa de Óbidos. *Revista de Guimarães*, 96 Jan.-Dez. 1986, p. 187-197.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# As «barracas» dos pescadores da Lagoa de Óbidos

Por ALBERTO VIEIRA BAPTISTA

## 1 — INTRODUÇÃO

A Lagoa de Óbidos estende-se por uma área aproximada de 6 km<sup>2</sup>, entre os concelhos de Caldas da Rainha e Óbidos, comunicando com o Oceano através de uma pequena «aberta», situada na Foz do Arelho.

A sua riqueza em peixe e marisco foi tão grande «que pelos anos de 1818 rendeu o dízimo do peixe ali pescado 370\$000; é verdade que era de cada cinco um, porém nada pagavam daquele que não vendiam, que só pescavam para seu uso, assim como do peixe grande» (1).

Esta riqueza, aliada às suas condições naturais (protegida dos ventos e ausência de vagas), fez com que a ela acoressem pescadores de várias regiões do país, mas entre todos os que por aqui passaram, só os «Varinos» (2) deixaram marcas; na toponímia (3), nos barcos, nas artes e na técnica de construção de abrigos — «barracas» (4).

Esta lagoa encontra-se «interdita à pesca e apanha de marisco há mais de 20 anos» (5), devido ao seu constante assoreamento, que dificulta a renovação das suas águas a partir do Oceano, contribuindo assim, para o desaparecimento de algumas das suas espécies mais significativas. Esta situação faz com que o volume de pesca e apanha de marisco sejam insignificantes, porém, «cerca de 150 famílias continuam a depender dela» (6).

## 2 — ORIGEM E LOCALIZAÇÃO

Poucos se lembram dos «Varinos», daqueles homens «fortes, denegridos vestidos de escuro, camisola de lã e calça segura pela faixa preta enrolada seis vezes

---

(1) «Memórias Históricas de Óbidos», INCM/CMO, 1985.

(2) Como eram conhecidos na região, há mais de 30 anos, os pescadores vindos da Murtoza.

(3) «Barraca do Varino», na margem sul da Lagoa de Óbidos.

(4) «Choupana» e «Cabana», são termos que os pescadores da região não utilizam.

(5) «Gazeta das Caldas» n.º 3540 de 14-2-1986.

(6) *Ibidem*.

à volta da cinta» (7), que vinham descalços da Lagoa ao mercado das Caldas «carregando dois a dois, num pau atravessado de ombro para ombro os lavadeiros» (8) cheios de peixe fresco.

Desconhece-se quando começaram a estabelecer-se nesta região. Há quem afirme que já o faziam no século XVIII, mas contas feitas e, de acordo com depoimentos de alguns «Varinos», felizmente ainda vivos, apontam os anos de 1820-1830 para as primeiras migrações.

«Todos os anos, 27 a 30 companhias de cinco homens aqui passavam o período de Outubro a Maio; no Verão abalavam para a pesca da lagosta em Peniche» (9)

Cada companhia tinha a sua «barraca», «para além da Ardonha, onde fica a Barrosa» (10), que construía cuidadosamente com os materiais que a Natureza prodigamente lhe oferecia (Foto 1).<sup>1</sup>

Era frequente integrarem estas companhias, rapazes com idades a partir dos 10 anos. Avelino Soares Belo (11), natural da Murtosa, escreveu sobre este assunto: «Em 1883 [então com 11 anos], assentei ferro na minha casa flutuante de pescador, frágil bateirinha, em que mal se estendia uma esteira sobre os paineiros em que me deitava, meio dentro e meio fora da pequenina proa, abrigado por um toldo, abalouçado pela marulha da água que sentia por baixo da cama, e por cima, a luz da abóbada celeste; adormecia, sonhando ainda com os meus brinquedos» (12).

«A companhia do Tomé tinha o seu varadouro junto à Pedra Furada, não tinha barraca» (13). António Montês, em palestra lida aos microfones da então Emissora Nacional, em Setembro de 1936, referia-se assim a esta companhia: «É uma vida curiosa a daqueles pescadores, dentro dos seus barcos, de proa revirada, alguns com desenhos graciosos! Ali cozinham, ali comem, ali pescam e ali dormem! Raramente põem o pé em terra, a não ser quando vão para o mercado das Caldas, que lhe compra o peixe todo» (14).

### 3 — DESCRIÇÃO

#### 3.1. *Os materiais e a estrutura*

Há cerca de trinta anos que os «Varinos» deixaram de vir para estas paragens. Deles restam apenas seis, que por aqui casaram e ficaram; contudo as «barracas»

(7) Raul Brandão, «Os Pescadores», Lisboa, 1984.

(8) *Ibidem*.

(9) Júlio Neves, «Varino» de 76 anos de idade, e pescador há 65.

(10) «Gazeta das Caldas», n.º 13 de 3-1-1926.

(11) Exímio ceramista e um dos principais discípulos de Rafael Bordalo Pinheiro. Vide «O Século» de 19-1-1972.

(12) Documento inédito, gentilmente cedido pela família.

(13) Júlio Neves.

(14) Também publicada na «Gazeta das Caldas», n.º 556 de 10-10-1936.

continuaram a ser construídas, existindo actualmente catorze, todas na margem norte da Lagoa, entre a Ponta das Casinhas e o extremo da Barrosa (Vide localização no mapa).

No seu aspecto estrutural têm algumas semelhanças com as da Quarteira, Forte Novo, Armação Nova e Maria Luísa (15), também com as do Cadaval (16), e as destinadas à recolha da palha de milho, em todo o litoral a norte de Leiria (17). Podemos também incluí-las, segundo J. Leite de Vasconcelos (18) e A. Mesquita de Figueiredo (19), no tipo de «habitação de carácter primitivo».

São «barracas» em forma de cunha, estreitando da frente para trás, com duas águas que se prolongam até ao chão; construídas sobre terrenos compactos, ligeiramente inclinados e virados a sul, tendo de preferência, na parte mais elevada uma rocha ou uma barreira.

O seu comprimento ronda os 5,5 m; a largura máxima (frente) 4 m, a largura mínima (fundo) 1,5 m. A altura máxima (frente) 2,8 m e a altura mínima (fundo) 1 m.

A porta, única abertura para o exterior, nunca possuiu postigo; e apresenta as seguintes dimensões: 1,5 m x 0,75 m.

Praticamente, todos os materiais que entram na sua construção são de origem vegetal: varas de pinho e eucalipto, caniços, bunho, junco, palha e algumas tábuas e barrotes, que as correntes arrastam, e que são utilizados na porta. Os materiais utilizados de origem não vegetal, são os seguintes: pregos (poucos), arames (20), dobradiças de ferro ou sola e cadeado com corrente metálica a substituir a fechadura.

Um conjunto de seis pares de varas de eucalipto (21), cravadas obliquamente no chão, cruzando-se duas a duas na parte superior, de modo a formar duas águas, distanciadas umas das outras cerca de 80 cm, diminuindo de altura da frente para trás, suportará em cada um dos lados (águas), seis ou sete varas, igualmente de eucalipto, dispostas longitudinalmente que são fixadas por meio de arames.

A vara de cume apoia-se no primeiro cruzamento e, geralmente passa debaixo dos outros, fixando-se na rocha ou barreira que serve de parede de fundo.

Na frente existe uma estrutura especial, destinada a receber a porta. Assim, dois barrotes são fixados no chão à distância de 70 a 75 cm, e ligados às varas do primeiro cruzamento. Num dos barrotes é fixada a porta por meio de velhas dobradiças, o outro serve de batente. Uma outra vara, servindo de verga, une os dois barrotes e fixa-se igualmente às varas do primeiro cruzamento (desenho 1).

(15) J. Leite de Vasconcelos, «Etnografia Portuguesa», Vol. VI, Lisboa, 1983.

(16) J. Leite de Vasconcelos, «Etnografia do Cadaval», in Boletim de Etnografia, Lisboa, 1929.

(17) Fernando Galhano, «Cabanas», in Douro Litoral, Porto, 1950.

(18) «Etnografia Portuguesa», Vol. VI.

(19) «A Habitação da Beira-Mar», in A Terra Portuguesa, Lisboa, 1917.

(20) Estes materiais são utilizados nos últimos anos, antes utilizavam o junco e o vime.

(21) Os primeiros «Varinos» utilizavam varas de pinho, pois o eucalipto ainda não existia nas margens da Lagoa.

### 3.2. O revestimento

O revestimento é constituído exclusivamente por caniços, que abundam nas margens da Lagoa. Este é cortado «quando está espigado, por alturas de Agosto, Setembro, quando começa a ficar com as folhas amarelas» (22). As «folhas» não são retiradas, porque ajudam a preencher os espaços que possam existir entre os caniços.

Após o corte, os caniços são deixados a secar ao sol, cerca de quinze dias, para que não mirre depois de aplicado. Quando convenientemente secos, são juntos em «molhos», acertados e, deitados uns contra os outros sobre a estrutura da «barraca», tendo sempre a preocupação de deixar os cocurutos virados para o chão, de modo a facilitar a escorrência da chuva; caso contrário esta seria retida pelas «folhas», (vide pormenor do desenho 2). Este procedimento é igual quer para as «águas», quer para a frente, e está terminado quando a camada de caniços dispostos sobre a estrutura atinge 15-20 cm.

Para fazer o cume, coloca-se sobre este, em toda a sua extensão, uma outra camada de caniços, dobrados a meio, que avançam sobre as duas «águas». Seguidamente, uma vara de eucalipto é colocada sobre a camada do cume e apertada com arames contra a vara da estrutura. A fixação das camadas que formam as «águas» é feita por três ou quatro varas, igualmente de eucalipto, dispostas longitudinalmente, que são fixadas do mesmo modo do caso anterior.

Quanto à frente, coloca-se o caniço na vertical, de acordo com os princípios já enunciados; mas atendendo à sua forma triangular há «excesso» de caniço que tem de ser dobrado sobre o primeiro cruzamento de varas, de modo a que fique entalado nas camadas que formam as «águas». Para a sua fixação procede-se de acordo com as normas já anteriormente descritas. Por altura da verga da porta é feito o único corte de caniços, a fim de a deixar livre.

Concluído este trabalho, cava-se um pequeno dreno junto às «águas»; a terra dele tirada é colocada sobre os caniços no ponto onde tocam o chão, de modo a possibilitar um melhor escoamento de águas pluviais (desenho 2).

### 3.3. O interior e as suas funções

O espaço interior das antigas «barracas» era aproveitado de modo diferente das actuais. Para os antigos «Varinos», a «barraca» era a sua habitação; ali cozinhavam, dormiam e guardavam o pouco que tinham, durante os oito meses que aqui passavam.

Para os pescadores actuais estas «barracas» não servem de habitação permanente, mas sim de local onde guardam os apetrechos da pesca, onde descansam até à hora da maré mais favorável ou onde aguardam que o vento sopre de feição. Por outro lado, o número de ocupantes é menor — um ou dois pescadores.

Assim, começaremos por descrever as primeiras, e só depois as últimas.

---

(22) Joaquim Mendes — Pescador da Lagoa de Óbidos.

Era característica comum terem duas «tarimbas», uma à esquerda, outra à direita da entrada, onde dormia toda a companhia. Estas «tarimbas» eram constituídas sobre um conjunto de esportes de eucalipto, com cerca de 40 cm de altura, sobre os quais assentava um «ripado» que igualmente se apoiava nas varas da estrutura. Por vezes tinham duas escoras laterais que iam do chão às varas de cruzamento, a fim de evitar que as «tarimbas» cedessem.

Sobre as «tarimbas» colocavam esteiras de bunho, que eles próprios confeccionavam. É de salientar a abundância deste material na margem sul da Lagoa, contudo nunca o aproveitaram para o revestimento das «barracas» como aconteceu noutros locais (23).

A fogueira fazia-se sensivelmente a meio da «barraca», e não tendo qualquer dispositivo para escoar o fumo, só lhes restava abrir a porta; ali confeccionavam as refeições, não exclusivamente de peixe, mas constituídas também «por hortaliças, batatas e toucinho, que trocavam por peixe miúdo com os agricultores do Nadadouro» (24).

O fundo da «barraca» era destinado a guardar todos os haveres da companhia (desenhos 3 e 4).

Nas «barracas» actuais não se fazem fogueiras, pois que os pescadores têm as suas habitações permanentes nas freguesias do Nadadouro e Foz do Arelho, só as utilizando nos casos já mencionados.

A «tarimba» ocupa frequentemente a parte do fundo da «barraca», embora haja algumas variantes na sua localização. É feita na maior parte dos casos de acordo com o modelo anteriormente descrito e, coberta de junco ou palha. Também existem alguns modelos mais simples; consistindo um deles, em fazer uma «caixa» com 30 a 40 cm de palha ou junco «travada» por vários paus sobrepostos a toda a largura da «barraca». Neste caso, a «tarimba» chega a ocupar metade da área útil da «barraca» (desenhos 5 e 6).

No espaço disponível é deixado tudo o que for de interesse para o pescador.

Junco ou palha cobre o chão das actuais «barracas», contrariamente ao que acontecia nas de antigamente, que eram de terra batida.

#### 4 — CONCLUSÃO

Esta lagoa entrou em profunda agonia! A sua morte está próxima!

Com ela morrerá definitivamente toda a sua riqueza etnográfica, para não falar das outras, já sobejamente faladas.

Das catorze «barracas» ainda existentes, metade delas estão abandonadas e em adiantado estado de degradação, não se vislumbrando qualquer hipótese da sua substituição por outras iguais. Quando são substituídas, fazem-no geralmente

(23) Por exemplo, Ernesto V. Oliveira e Fernando Galhano, «Palheiros do Litoral Central Português», Lisboa, 1964.

(24) Júlio Neves.

por construções atípicas e de materiais estranhos a este ecossistema. São exemplos acabados, as barracas feitas de chapas metálicas, com todos os inevitáveis inconvenientes.

No lugar das «barracas», tão bem integradas no ambiente, que muita gente, passando durante anos perto delas «nunca as viu»; aparecerão casas de veraneio, de gosto duvidoso, junto a um pântano pestilento e então, nunca mais terá cabimento o que Pinho Leal escreveu: «Costuma dizer-se que [esta lagoa dá pão, carne e peixe]; porque todos os annos se extrahem d'ella milhares de carradas de limo, que é óptimo adubo para as terras; e carne e peixe em razão da immensidade de aves e peixe que aqui se mata» (25).

Para que este exemplo dos «Varinos», que viveram da Natureza, mas sempre a respeitaram, não se apague da memória dos homens, que é curta; aqui fica este humilde trabalho para que conste.

Requiem para a Lagoa de Óbidos! Requiem para as suas «barracas»!

---

Os nossos agradecimentos à Tânia Silva e à Margarida Ferreira que fizeram os desenhos.

---

(25) «Portugal Antigo e Moderno», Vol. IV, Lisboa, 1874.



★ Localização das actuais «barracas»

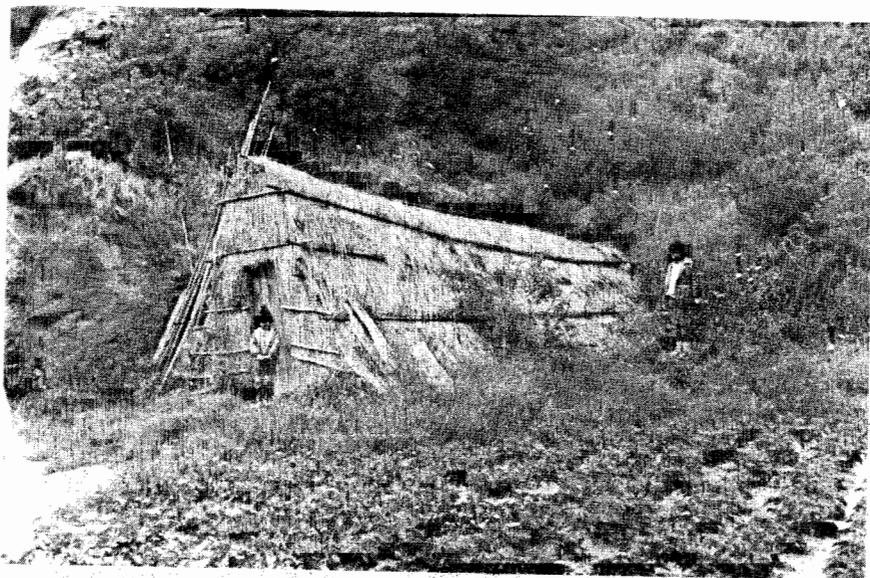
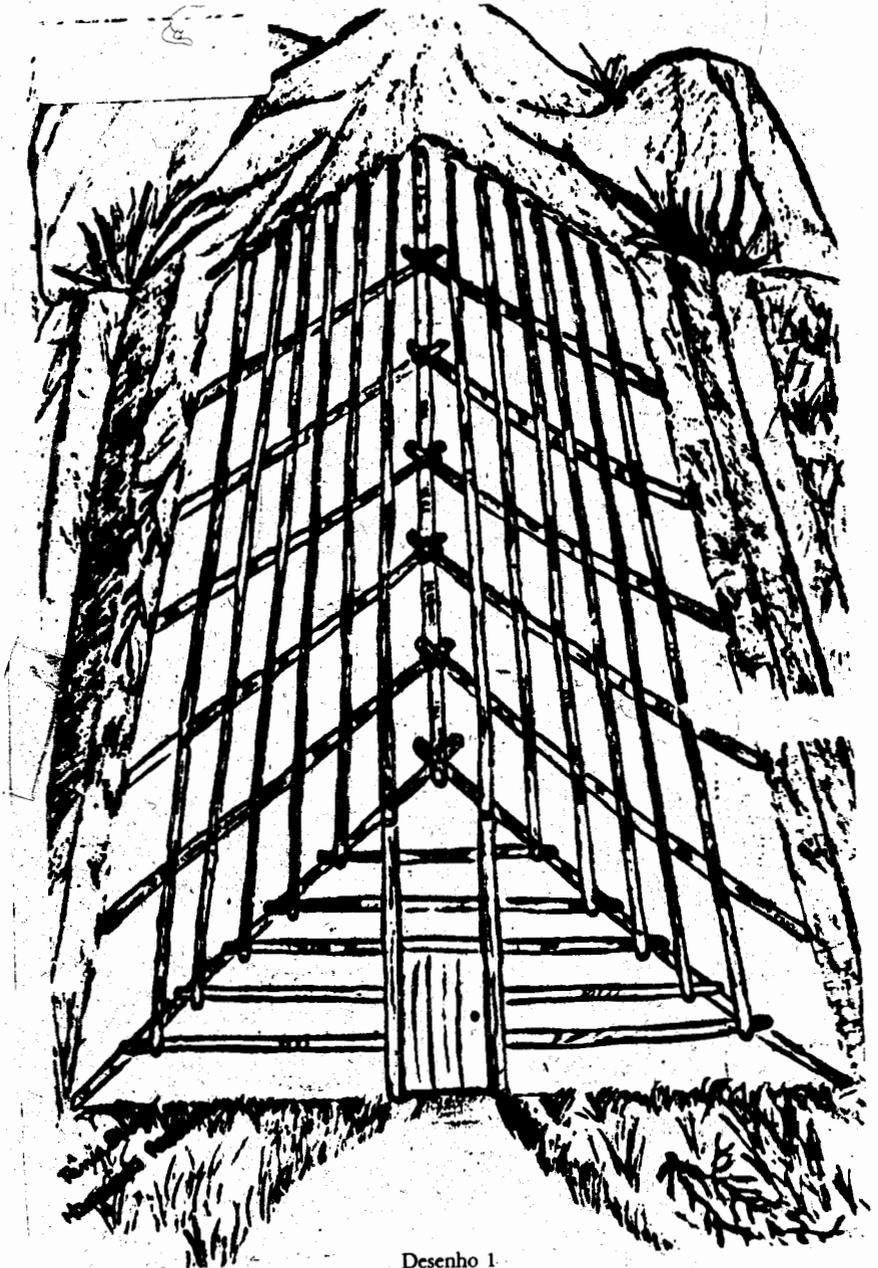


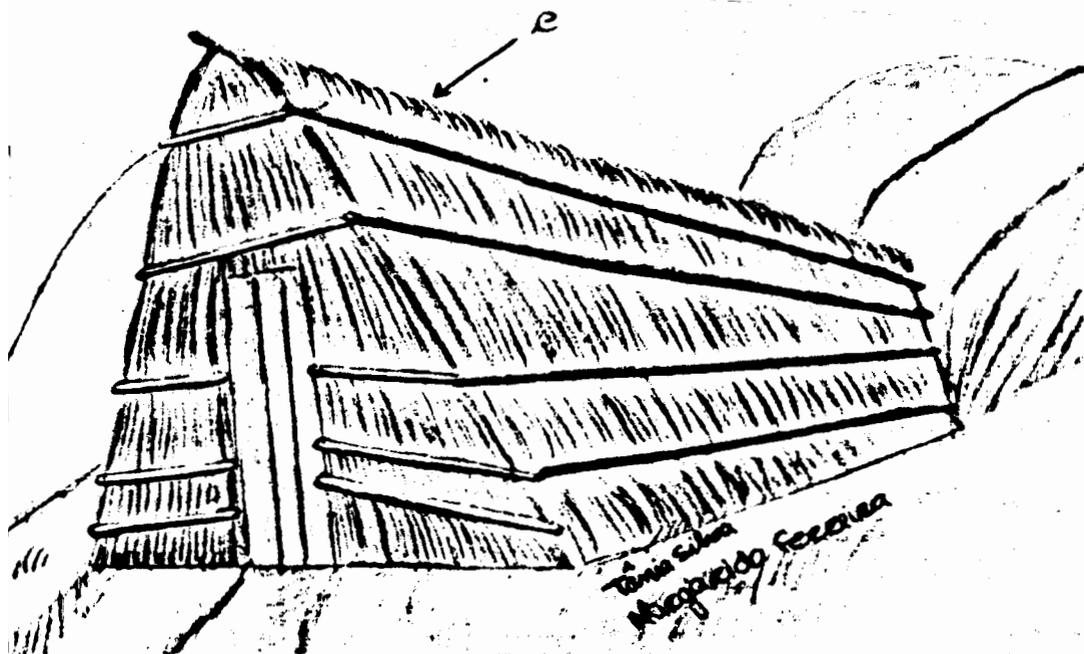
Foto 1 — Barraca na Ardonha



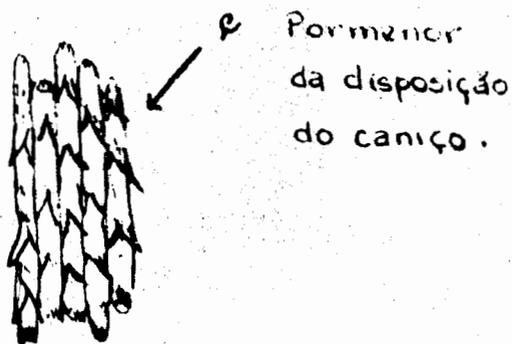
Foto 2 -- Recanto da Barrosa.



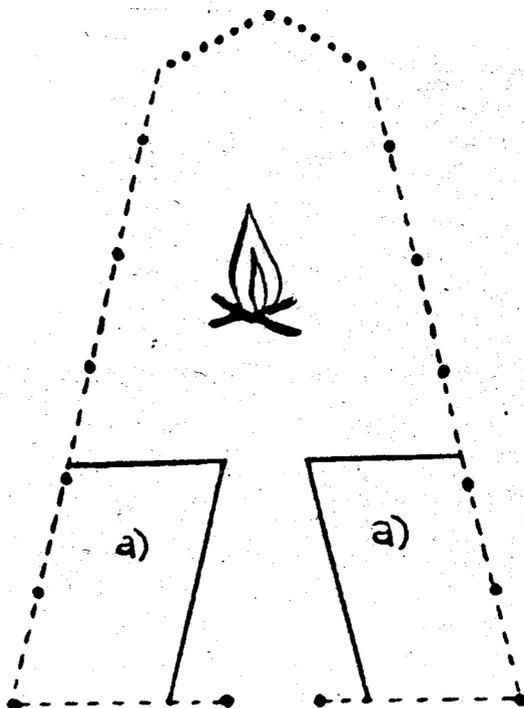
Desenho 1



Desenho 2



Pormenor do Desenho 2



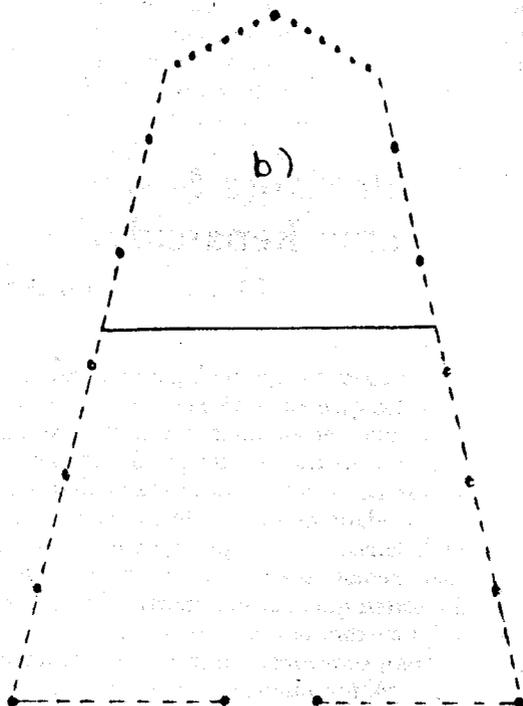
Desenho 3

a)

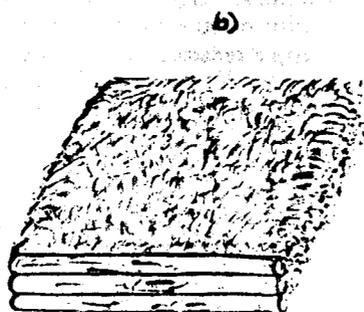


tarimba

Desenho 4



Desenho 5



tarianbo

Desenho 6